

Temporal e tragédia no Sul

# Cheia recorde do Guaíba inunda aeroporto e deixa milhares sem água

*Quatro das 6 estações de tratamento de água da capital gaúcha estão paradas; prefeito pede que moradores da zona norte deixem casas*

Com os temporais que atingem o Rio Grande do Sul, que até ontem haviam causado 55 mortes – e outras 7 em investigação – e deixado 74 desaparecidos, o prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), destacou ontem preocupação com falta d'água na cidade. Das seis estações de tratamento de água do Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae) da capital gaúcha, quatro estão com operações suspensas. No bairro Sarandi, zona norte da cidade, um dique que represa o Rio Gravataí começou a transbordar, e o vazamento fez o prefeito recomendar aos moradores que corresse para deixar a região.

“Hoje (ontem) pela manhã, começou o vazamento por cima do dique. Por isso, quero convidá-los a aceitar, a sair de suas residências e vir para os abrigos da prefeitura, porque bens materiais, a gente pode perder, a vida não volta mais”, apelou Melo nas redes sociais.

Porto Alegre ainda enfrenta blecautes – 54 mil moradores

sem luz, segundo balanço da CEEE Equatorial pela manhã –, tem acessos bloqueados e as operações do Aeroporto Salgado Filho foram suspensas.

O prefeito pediu ainda aos moradores das áreas vizinhas à Arena do Grêmio, na zona norte, que deixassem suas residências devido à cheia do Rio Guaíba, que superou o nível de 5 metros (a cota de inundaçãõ é de 3 metros). É a maior marca já registrada na capital gaúcha, superando a cheia histórica de 1941, com 4,76 metros.

Na Grande Porto Alegre, o Hospital de Pronto Socorro de Canoas foi evacuado por causa

**Destruição no RS**  
**No total, 300 dos 497 municípios foram afetados. Há 9.581 desabrigados e 32.640 desalojados**

da inundaçãõ que atingiu a cidade ontem. “A prioridade no Hospital de Pronto Socorro de Canoas é salvar vidas e transferir todos os pacientes com segurança”, informou o órgão nas redes sociais. Na quinta, o hospital de Três Coroas também havia sido interditado.

‘PLANO MARSHALL’. O governa-

dor Eduardo Leite (PSDB) disse, no início da noite, que o Estado precisará de medidas extraordinárias de reconstrução, com apoio de todo tipo, sem diferenças políticas. “A gente vai precisar de uma espécie de Plano Marshall de reconstrução”, disse, referindo-se ao plano de apoio capitaneado pelos EUA para reerguer a Europa ocidental ao término da Segunda Guerra Mundial. “Quem já foi vítima da tragédia não pode ser vítima depois da desassistência.”

O ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom), Paulo Pimenta, disse que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltará ao Rio Grande do Sul hoje para acompanhar as medidas contra enchentes no Estado. Ele estará acompanhado de nove ministros e visitará Porto Alegre. O Planalto pedirá aos governadores que centralizem em suas unidades do Corpo de Bombeiros doações para vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul. Segundo a assessoria do ministro da Casa Civil, Rui Costa, o assunto foi debatido ontem em Brasília. O governo quer, dessa forma, agilizar a chegada de insumos ao Rio Grande do Sul. Depois da centralização e triagem das doações nos Estados, os itens serão encaminhados para as ba-



ses aéreas do Galeão, no Rio de Janeiro, e de Guarulhos, em São Paulo.

Segundo o Planalto, 92 mil cestas básicas foram disponibilizadas para o Estado, e o efetivo de quase mil militares das Forças Armadas que atuam na região já realizou 9.749 resgates. Na reunião, o ministro de Portos e Aeroportos, Silvío Costa Filho, disse que 11 dos 12 aeroportos do Estado estão em operação. Segundo ele, a expectativa é de que o Aeroporto Salgado Filho reabra nesta segunda-feira.

‘NÃO DÁ PARA DESPERDIÇAR’. Segundo o prefeito de Porto Ale-

gre, a estação de tratamento de água do Dmae de Ilhas (Ilha da Pintada) parou de operar, afetando gravemente a área do Arquipélago. As estações Moínhos de Vento, São João e Tristeza, que afetam 66 bairros, já tinham tido o funcionamento interrompido pela gestão municipal. Ontem, só as estações Menino de Deus e Belém Novo funcionavam. “É fundamental que não haja desperdício de água. Não dá para desperdiçar um copo de água, neste momento. Tem milhares de pessoas que não têm caixas d'água na cidade. É quase uma determinação do prefeito. Teremos um problema sério de água. Esta-②

## Episódios extremos não se resumirão ao Sul do País

JULIANA DOMINGOS DE LIMA

Nos 23 anos de experiência da meteorologista e sócia-diretora da empresa MetSul, Estael Sias, a enchente histórica de 1941 sempre foi a referência de pior cenário para o Rio Grande do Sul. O Estado enfrenta em maio o quarto episódio de inundações em menos de um ano e o marco de oito décadas atrás, que ela não contava ver ultrapassado, foi desbancado por 2024. Na noite de sexta-feira, a cheia do Guaíba, em Porto Alegre, superou a marca, alagou o centro histórico e fez autoridades pedirem a retirada da população de vários bairros.

“Com a velocidade de repetição dos fenômenos extremos, não duvido que aconteça de novo em menos tempo”, afirmou Estael ao Estadão. O Rio Grande do Sul registra 57 mortes e 67 desaparecidos desde o início da semana.

Uma parte dos temporais é atribuída a características da própria região, situada no encontro entre sistemas polares e tropicais. Com latitudes médias, que tornam o Sul um “ringue” entre o ar quente e o ar frio, a área é o berçário de fenômenos climáticos que depois mudam as condições meteorológicas do resto do País.

Assim, as chuvas intensas ao longo do ano fazem parte do calendário do Estado, mas se tornaram mais frequentes e intensas sobretudo na última década, afirma a meteorologista.

As particularidades da região são potencializadas por outros fatores, como o fenômeno El Niño, vigente desde meados de 2023, que deve acabar nas próximas semanas, e as mudanças climáticas. Estudos feitos pelo MetSul confirmam a ligação de alguns dos eventos extremos recentes com o aquecimento do planeta.

Esses episódios extremos

não se resumirão ao Sul do País. Lá, as tragédias recentes – em setembro, 54 pessoas morreram após a passagem de ciclone extratropical – funcionam como prévia do que está por vir. As tragédias de São Sebastião (SP), no ano passado, e em Petrópolis (RJ), em 2022, são

**Setembro**  
**Ao todo, 54 pessoas morreram durante a passagem de ciclone extratropical no Estado**

outros alertas da recorrência de desastres por inundações e deslizamentos.

Em outras regiões, como Norte e Centro-Oeste, a expectativa é de clima mais seco. Pelo Brasil, o aquecimento global deve ainda alterar o regime de chuvas, com impactos econômicos, como nas safras do agropêlo e na geração de ener-

gia, além da deterioração da Floresta Amazônica, o que afeta o clima de todo o planeta.

Coordenador-geral de Operação e Modelagem do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), Marcelo Seluchi disse ao Estadão que as tempestades atuais se formaram em função da onda de calor que afeta a porção central do País, incluindo São Paulo, e de frentes frias sucessivas vindas de Argentina e Uruguai, que não conseguem avançar para além do Paraná devido à alta pressão. Com isso, as massas de ar frio ficam retidas no Rio Grande do Sul, encontram canais de vento, ou “rios voadores”, que estão trazendo umidade da Amazônia, e formam a precipitação dos últimos dias.

**CHEIAS.** A suscetibilidade do Sul a eventos climáticos extremos tem ainda relação com o mais raso, que “guarda” pou-

ca água, e vazões de cheia (medida do fluxo dos rios em períodos de cheia) maiores em comparação ao restante do País, segundo o professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rodrigo Paiva.

Esses dados naturais contribuem para cheias extremas e estiagem prolongada, que afetam a população (de quase 10,9 milhões), as cidades e a produção agrícola do Estado (maior produtor brasileiro de arroz e o segundo maior de soja). Além de prejudicar as safras, o bloqueio de estradas afeta a distribuição dos itens, o que pode levar a desperdício.

Novamente, a natureza é só uma parte da história. Paiva aponta que análises de séries históricas das últimas décadas indica mudanças no sistema hidrológico, com perspectiva de aumento das cheias dos rios gaúchos. “Essa tendência seria ainda mais forte se incluímos ②

FOTO: ANTONIO CARLOS MACHADO/REUTERS

pressreader